

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

***LUMEN GENTIUM* E OS LEIGOS:  
A santificação do mundo a partir de dentro**

ORIENTANDO: NEILTON MENDES DE SOUZA  
ORIENTADOR: DR ELI FERREIRA GOMES

**GOIÂNIA  
2020**

**NEILTON MENDES DE SOUZA**

***LUMEN GENTIUM* E OS LEIGOS:  
A santificação do mundo a partir de dentro**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a conclusão do curso de Teologia e obtenção do grau de bacharel, sob a orientação do Prof. Dr Eli Ferreira Gomes

**GOIÂNIA**

**2020**



*Dedico este trabalho aos meus familiares e aos fiéis leigos da  
Diocese de São Luís de Montes Belos.*

## AGRADECIMENTOS

Este agradecimento para mim “(...) ficará como um marco significativo em nossas vidas, o símbolo duma funda amizade, a recordação dos sonhos de solidariedade humana que sonhamos juntos” como nos diz Erico Verissimo. Sei que vocês viveram comigo este sonho, que é a possibilidade de entregar um pouco da minha capacidade como dom ao outro, o desejo de realizar tamanho empenho, o anseio de dar uma resposta ao mundo contemporâneo por meio de um trabalho acadêmico e, acima de tudo, o sonho de dar mais um passo no meu caminho vocacional. Aqui, não falo em raciocinar, mas em lembrar e agradecer, isso também é viver, por isso agradeço:

Ó Grande Criador, Bom Deus, Eterno Consolo, a Ti vai meu agradecimento pelo Dom da Razão e da Fé, por minha vocação, pela existência e por toda a coragem que Tu me concedeste para este empreendimento.

Aos meus pais, José Nilton e Vanúbia, aqueles que se empenharam a fazer de mim uma pessoa, humanizaram-me, educaram-me e amaram-me. Além de tudo, agradeço pelas orações que fizeram por mim para a confecção deste trabalho. Ao meu irmão Nilton, grande pesquisador e homem de imensa fé, agradeço sua presença amigável, seu modo positivo de ver o mundo e a amizade que construímos. Ao professor Dr. Pe. Eli Ferreira Gomes, que não mediu esforços em me ajudar nesta pesquisa, pela sua grande entrega, disposição, sabedoria e rigor teológico. Ao Reitor do Seminário São Luiz Gonzaga, Pe. Joaquim Gonçalves, por dedicar-se de maneira ímpar à formação dos futuros sacerdotes da Diocese de São Luís de Montes Belos. Aos meus amigos, aqueles distantes e aos próximos, obrigado por me escutarem, me incentivarem, rezarem por mim e por inspirarem-me o trabalho intelectual. Aos meus irmãos de comunidade, que convivem comigo, que todos os dias estão presentes na minha vida, que fazem com que a comunidade dos primeiros cristãos seja mais próxima de mim.

Agradecer é um gesto tão insignificante diante da obra que todos realizam em na vida. Então aqui estendo o meu agradecimento a todos que participam e que já participaram do meu caminho de existência. Vocês ajudam-me a construir um homem sempre novo.

“Os leigos, graças aos impulsos do Espírito Santo, são cada vez mais conscientes de serem Igreja, de terem uma missão específica, sublime e necessária, já que foi querida por Deus.”

(São Josemaría Escrivá)

## RESUMO

A Igreja no decorrer dos séculos deparou-se com a convicção de que os leigos “são Igreja” e são chamados a “fazerem-se Igreja”. Com isso, o magistério, de forma especial, do século XX, acolheu tais anseios. Nisso existe um processo de recepção e desenvolvimento doutrinário do tema. O coroamento da doutrina dos leigos aconteceu no Concílio Vaticano II. O cristão é chamado à plenitude da vida cristã no meio do mundo. Daí vemos a atualidade e a urgência do tema aqui proposto. Por isso, o desenvolvimento doutrinário e magisterial, da teologia do leigo, vem se amadurecendo e feito presente no cotidiano da vida eclesial. Principalmente, a necessidade do desenvolvimento acadêmico desse tema eclesiológico. No desenrolar dos séculos, florescem diversos sentidos do termo *Igreja*, o concílio nos despertou, especificamente, para o sentido de *Povo de Deus*. Tal termo ilustra a congregação universal dos fiéis, o *corpus Ecclesiarum*. A riqueza de significados eclesiais responde a compreensão que está vinculada a Tradição, aquela que vem através dos séculos, e que se desenvolve teologicamente com o cumprimento da Igreja na história. Assim, o Concílio percebeu que a hierarquia eclesial não pode se fazer presente em todos os lugares e circunstâncias do mundo para a transmissão da missão salvífica da Igreja. O Leigo é indispensável testemunha e instrumento da missão da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Fiéis leigos; Apostolado; Comunhão; Eclesiologia.

## ABSTRACT

The Church over the centuries has come across the conviction that lay people "are Church" and are called to "become Church". For that, the magisterium, in special form that of twentieth century, welcomed such desires. In this sense, there is a process for the reception and development of the theme. The crowning of doctrine about lay people came out in the Second Vatican Council. The Christian is thus called to fully live in the world. Therefore, we see the newness and urgency to develop the theme here suggested. Hence, we see the necessity and urgency of the topic proposed here. For this reason, the doctrinal and magisterial development of the lay theology, has matured and been present in everyday ecclesial life. Mainly, the need for the academic development of this ecclesiological subject. In the course of the centuries, different meanings of the term Church, the council has brought to us, specifically that of God's People. Such term illustrates the universal congregation of the faithful, the *corpus Ecclesiarum*. The variety of ecclesial meanings respond to the understanding that is connected to Tradition, and has come down through the centuries, and which develops theologically with the fulfillment of the Church in history. Therefore, the Council has realized that ecclesial hierarchy cannot be present in all places and circumstances in the world for the transmission of Church salvific mission. The lay people is an indispensable witness and instrument for mission of the Church.

KEYWORDS: Lay faithful; Apostolate; Communion; Ecclesiology.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	10
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 A GÊNESE DA VIDA LAICAL</b> .....	15
1.1 A Missão da Igreja.....	17
1.2 A Unidade da Igreja .....	19
1.3 O caminho para definição de Leigo na história eclesiástica .....	21
<b>2 POSIÇÃO DE UMA TEOLOGIA DO LAICATO</b> .....	25
2.1 Filhos no Filho.....	26
2.2 A dignidade dos fiéis leigos: o mistério da vinha, a expressão do povo de Deus.....	28
2.3 A função sacerdotal, real e profética e os leigos.....	31
<b>3 A ESPIRITUALIDADE DOS LEIGOS: <i>CONSECRATIO MUNDI</i></b> .....	34
3.1 A espiritualidade ordenada ao apostolado .....	35
3.2 A santificação do trabalho .....	38
3.3 Ministérios, ofícios e funções dos fiéis leigos.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## LISTA DE SIGLAS

**AA** *Apostolicam Actuositatem*, Decreto sobre o apostolado dos leigos, Concílio Vaticano II.

**CCE** *Catechismus Catholicae Ecclesiae* (Catecismo da Igreja Católica).

**CDS** *Compêndio da doutrina social da Igreja*, Pontifício Conselho Justiça e Paz.

**CfL** *Christifideles Laici*, Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, João Paulo II.

**CIC** *Codex Iuris Canonici* (Código de Direito Canônico).

**CoN** *Communio nis notio*, Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão, Congregação para a Doutrina da Fé.

**DGC** *Diretório Geral da Catequese*, Congregação para o Clero.

**EG** *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Francisco.

**GeE** *Gaudete et Exsultate*, Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o chamado à santidade no mundo atual, Francisco.

**IuE** *Iuvenescit Ecclesia*, Carta sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja, Congregação para a Doutrina da Fé.

**LG** *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II.

**VD** *Verbum Domini*, Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, Bento XVI.

**VS** *Veritatis Splendor*, carta encíclica sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja, João Paulo II.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a ação dos leigos na santificação do mundo a partir de sua ação dentro do próprio mundo segundo a doutrina apresentada pelo Concílio Vaticano II na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. A *Lumen gentium*, constituição dogmática fruto do Concílio Vaticano II, faz uma releitura da Igreja como Povo de Deus. Neste trabalho se faz caro, principalmente, a dimensão dos fiéis leigos para a missão da Igreja. Os fiéis leigos são colaboradores na missão salvífica da Igreja no mundo. O magistério, de forma especial, do século XX acolheu tais anseios da revalorização do fiel leigo. Nisso existe um processo de recepção e desenvolvimento doutrinal do tema. O coroamento da doutrina dos leigos aconteceu no Concílio Vaticano II. O cristão é chamado a plenitude da vida cristã no meio do mundo. Daí vemos a atualidade e a urgência do tema aqui proposto.

Por isso, o desenvolvimento doutrinário e magisterial, da teologia do leigo, vem se amadurecendo e feito presente no cotidiano da vida eclesial. Principalmente, a necessidade do desenvolvimento acadêmico desse tema eclesiológico. No desenrolar dos séculos, florescem diversos sentidos do termo *Igreja*, o concílio nos despertou, especificamente, para *Povo de Deus*. Tal termo ilustra a congregação universal dos fiéis, o *corpus Ecclesiarum*. A riqueza de significados eclesiais responde a compreensão que está vinculada a Tradição, aquela que vem através dos séculos, e que se desenvolve teologicamente com o cumprimento da Igreja na história. Assim, o Concílio percebeu que a hierarquia eclesial não pode se fazer presente em todos os lugares e circunstâncias para a transmissão da missão salvífica da Igreja. Em consequência, o Leigo é indispensável testemunha e instrumento da missão da Igreja.

A atualidade desse tema tem reflexo no constante interesse do assunto dos fiéis leigos nos documentos da Igreja após o Concílio Vaticano II. Na Igreja do Brasil, inclusive, recentemente, houve o ano do Laicato. Ele buscava a introdução da vida do fiel leigo no hoje da Igreja, como esse fiel leigo pode responder eficazmente a sua vocação, o seu apostolado. Existe também uma discussão que foi aberta com a instituição do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida. Essa discussão aponta a criação de uma congregação específica dedicada aos leigos, à família e aos temas relacionados com a vida.

O Magistério do Papa Francisco, ele juntamente com os bispos na XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, convoca toda a Igreja à nova evangelização, realizando-se fundamentalmente em três âmbitos. Na pastoral ordinária, a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam regularmente a comunidade, reunindo-se no dia do Senhor. Em segundo lugar, as pessoas batizadas que, não vivem as exigências do Batismo, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé. Por fim, a evangelização que está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo, ou que sempre O recusaram. Os cristãos têm o dever de anunciá-lo sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte de plenitude. A Igreja não cresce pelo proselitismo indevido, mas por atração. Ressoando a doutrina conciliar, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja.

Para trilhar o caminho com mais eficácia, o presente trabalho se divide em três capítulos: a gênese da vida laical que abarca três tópicos – a missão da Igreja, a unidade da Igreja e o caminho para definição de Leigo na história eclesial; posição de uma teologia do laicato. Derivam dele: Filhos no Filho – valorizando a dimensão batismal da vida cristã – a dignidade dos fiéis leigos: o mistério da vinha, a expressão do povo de Deus, a função sacerdotal, real e profética e os leigos; por fim, a espiritualidade dos leigos: *consecratio mundi*, que acarreta a discussão sobre a espiritualidade ordenada ao apostolado, a santificação do trabalho, ministérios, ofícios e funções dos fiéis leigos.

O desenvolvimento faz um crescimento a partir da vocação da Igreja para a vocação específica do fiel leigo. O ápice do trabalho é o empenho laical no meio do mundo. Levamos em conta que a condição batismal de cada fiel é o alicerce para a contribuição na missão salvífica da Igreja, assim, de maneira própria, os fiéis participam do múnus sacerdotal, profético e real de Nosso Senhor. E os pastores são os responsáveis em discernir, reconhecer e promover os ofícios e funções dos fiéis leigos.

A vida do fiel leigo encontra-se existencialmente com a radical novidade cristã proposta no batismo, o sacramento da fé. O Batismo é o novo nascimento do homem, com esse sacramento, tornarmo-nos filhos de Deus no seu Filho, Jesus Cristo. Daí,

somos associados ao Filho e a sua missão, sendo conforme a imagem d'Ele. E é no Espírito Santo que somos constituídos em filhos e membros do corpo. O homem é criado para alcançar a dignidade de filho de Deus, entrando na intimidade divina, uma conexão com o mistério da Santíssima Trindade. Pela bondade de Deus nos quis introduzir em sua intimidade. Essa introdução é a filiação divina, nela entramos em comunhão com Deus.

## 1 A GÊNESE DA VIDA LAICAL

*Os fiéis leigos estão na linha mais avançada da vida da Igreja: graças a eles a Igreja é o princípio vital da sociedade humana. Pio XII, discurso de 20 de fevereiro de 1946.*

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* é a linha mestra do nosso trabalho. nosso intuito é mostrar que os pastores “(...) não foram instituídos por Cristo a fim de assumirem sozinhos toda a missão salvífica da Igreja no mundo”<sup>1</sup>. A *Lumen gentium* é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. Seu tema é a natureza e a constituição da Igreja, não só enquanto instituição, mas também como corpo místico de Cristo. Foi objeto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4 mil emendas. Depois de devidamente consideradas as modificações propostas, o texto definitivo foi submetido globalmente a votação no dia 19 de novembro de 1964. Dos 2145 votantes, 2134 votaram *place*<sup>2</sup>, 10 votaram *non placet*<sup>3</sup>. Houve um voto nulo. No dia 21 de novembro de 1964, a última votação resultou em 2151 *placet* e 5 *non placet*, após o que o Papa Paulo VI promulgou solenemente a constituição.<sup>4</sup>

A *Lumen Gentium* está dividida em oito capítulos, sendo eles: O Mistério da Igreja (1-8); O Povo de Deus (9-17); A constituição hierárquica da Igreja e em especial o episcopado (18-29); Os Leigos (30-38); A vocação de todos à santidade na Igreja (39-42); Os Religiosos (43-47); A índole escatológica da Igreja peregrina e a sua união com a Igreja celeste (48-51); A bem-aventurada virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja (52-69). O último capítulo se subdivide em cinco sessões: Proêmio (52-54); A virgem Maria na economia da salvação (55-59); A virgem santíssima e a Igreja (60-65); O culto da bem-aventurada virgem Maria na Igreja (66-67); Maria, sinal de segura esperança e de consolação para o Povo de Deus peregrinante (68-69).

No documento esboço, da II sessão do Concílio, ressalta-se o direito e o dever que o fiel leigo tem de cooperar na obra da salvação. Essa cooperação é exercida na

---

<sup>1</sup> LG 30.

<sup>2</sup> Pela aprovação do texto.

<sup>3</sup> Pela não aprovação.

<sup>4</sup> Cf. *Concílio Vaticano II: Vol. III. Segunda Sessão (SET.- DEZ. 1963). A hierarquia. Os Leigos.* Petrópolis: Vozes, 1965. p. 138.

ação religiosa, propriamente dita, na promoção de valores morais, de forma não menos importante, santificando iniciativas seculares.<sup>5</sup>

O anseio do quarto capítulo da *Lumen Gentium* está na cooperação unânime da obra comum, olhando para a edificação do Corpo Místico de Cristo na caridade,

(...) cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo, cujo Corpo, em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realiza o seu crescimento para a sua própria edificação no amor<sup>6</sup>.

Vemos a manifestação, com maior clareza, da acolhida e do progresso doutrinal sobre a vocação dos leigos na Igreja, como um chamado à plenitude da vida cristã. Isto é, a santidade e a missão no meio do mundo.

É necessário analisar uma decisão fundamental tomada durante a redação da constituição *Lumen Gentium* em 1963. Tal decisão ilumina a doutrina conciliar: a separação do capítulo inicialmente dedicado ao *Povo de Deus*, em dois capítulos diferentes – um com o título *O povo de Deus*, que antecede ao dedicado a hierarquia, e outro para os Leigos, colocado depois de tratar da hierarquia. Isso quer dizer que, segundo os padres conciliares, a distinção entre hierarquia, religiosos e leigos é posterior ao que unifica todos os cristãos: Nosso Senhor Jesus Cristo. Além disso, quiseram englobar no capítulo II tudo que se refere aos fiéis de forma geral, isto é, a condição comum de cristãos batizados, que é ponto de unidade entre a hierarquia, os religiosos e os leigos. Precisamente, nessa condição está a missão de todos e o chamado universal a santidade.<sup>7</sup>

No capítulo segundo, o tema principal é a universalidade do único povo de Deus. Todos os homens são chamados a formar o novo povo de Deus. Por isso, este povo, permanecendo uno e único, deve dilatar-se até os confins do mundo e em todos os tempos. Para isto mandou Deus o Espírito do seu Filho, o Espírito soberano e vivificante que é para toda a Igreja e para todos e cada um dos crentes, o princípio da união e da unidade na doutrina dos apóstolos, na união fraterna, na fração do pão e nas orações.

<sup>5</sup> Cf. *Concílio Vaticano II: Vol. III. Segunda Sessão (SET.- DEZ. 1963). A hierarquia. Os Leigos*. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 138.

<sup>6</sup> Ef 4, 15-16.

<sup>7</sup> Cf. CALABRESE; GOYRET; PIAZZA (eds.). *Diccionario de Ecclesiología*. Madrid: BAC, 2016. p. 792.

O único povo de Deus estende-se a todos os povos da terra, neles vai buscar os seus membros, cidadãos de um reino de natureza celeste e não terrena. Por força desta catolicidade, cada um contribui com os seus dons peculiares para as demais e para toda a Igreja, de modo que o todo e cada parte cresce por comunicação mútua e pelo esforço comum em ordem a alcançar a plenitude na unidade. É por isso que o povo de Deus não só reúne povos diversos, mas ainda em si mesmo se desenvolve a união. Com efeito, entre os seus membros reina a diversidade, quer nos cargos, alguns exercem o sagrado ministério para o bem dos seus irmãos, quer na condição e no modo de vida, quando muitos no estado religioso, procurando a santidade por um caminho mais estreito, são um estímulo e exemplo para os seus irmãos.

### **1.1 A Missão da Igreja**

A Igreja de Cristo é constantemente chamada a retomar seu princípio e fonte, diante disso, a Escritura tem estreita e indissolúvel relação com a Igreja. A Palavra de Deus a convoca e a engendra e, de certa forma, a Igreja se encontra na própria raiz das Escrituras. Se a Palavra não é interpretada e lida no seio da Igreja, poderia, então, tornar-se um livro lacrado e ininteligível, porque as Escrituras não contêm em si mesma o conhecimento de seu sentido próprio. De certa forma, os livros sagrados contêm obscuridade, derivada do mistério que portam.<sup>8</sup>

Na palavra de Cristo, os apóstolos encontraram a catequização nos segredos do Pai, portanto dando aos apóstolos o tríplice múnus de ensinar, santificar e governar. Depois apresenta-se a missão apostólica e a entrega do batismo. A Igreja é vocacionada por meio da palavra. Para tanto, Paulo diz: “Fui eu que, por meio do Evangelho, vos gerei em Cristo Jesus”.<sup>9</sup>

A Igreja é a comunidade dos que creem na Palavra Revelada proveniente de Cristo, de tal forma, ela não é uma grandeza adicional e externa ao fato da revelação. Ela, como momento, é pertencente do evento da revelação. A revelação deve ser vista em conjunto com a Igreja, pois se não houvesse uma comunidade de homens

---

<sup>8</sup> Cf. MORALES, José. *Introducción a la Teología*. 4ª Ed. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2012.

<sup>9</sup> 1Cor 4,15.

responsáveis em assumir a palavra como a auto revelação de Deus na fé, o evento Cristo não teria uma revelação feita ao mundo.<sup>10</sup>

O primeiro sujeito da revelação definitiva é a Igreja, porque a revelação é entendida em essência como iniciativa de Deus para o encontro pessoal com os homens. Está implícito um alguém que interage com Deus, mas esse não é um indivíduo isolado, e sim uma comunidade, um povo.<sup>11</sup> Daí, a Igreja assume a incumbência de ser a presença histórica da revelação ocorrida em Cristo, com vista à parusia de Cristo.<sup>12</sup>

Os homens que assumiram o encargo de transmitir a revelação foram os apóstolos. Pela pregação deles suscitavam-se diversas comunidades. O dinamismo dessa pregação era encarado como uma entificação da Palavra no livro dos Atos dos apóstolos, “a palavra de Deus crescia e se multiplicava”<sup>13</sup>. Paulo também ressalta a construção da Igreja na pregação apostólica<sup>14</sup>. Em razão disso, edificava-se o Corpo do próprio Cristo, a Igreja.<sup>15</sup>

A constituição do povo de Deus dá-se por duas dimensões: a pregação e o convite à graça. O chamado ao seguimento vem pela palavra, a pregação, e internamente pela ação do Espírito Santo, Ele está em união com o ministério dos apóstolos.<sup>16</sup> Em síntese, o paralelo existente entre Cristo, Palavra do Pai, e a Igreja não pode ser compreendido como evento acontecido, estático no passado, todavia é vivo, atual<sup>17</sup>, e se relaciona com os fiéis, convidando-os a viverem nesse mistério, que é a graça.<sup>18</sup>

Tudo isso se torna presença temporal na e pela Igreja,<sup>19</sup> a contemporaneidade de Cristo realiza-se no seu corpo, que é a Igreja.<sup>20</sup> “Assim a Igreja apresenta-se como o âmbito onde podemos, por graça, experimentar o que diz o prólogo de João: ‘A todos os que O receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus’ (Jo 1, 12)”<sup>21</sup>.

---

<sup>10</sup> Cf. FRIES; LÖHRERE; STUDER; STENZEL; RAHNER; LEHMANN; VON BALTHASAR. *Mysterium Salutis: Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica Volume I / 3*. 2ªEd. Petrópolis: Vozes, 1978. p.7.

<sup>11</sup> Cf. Idem p.7.

<sup>12</sup> Cf. Idem p.8.

<sup>13</sup> At 12, 24.

<sup>14</sup> Cf. Ef 2, 20.

<sup>15</sup> Cf. LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 527.

<sup>16</sup> Cf. Idem p. 528.

<sup>17</sup> Cf. Mt 28, 20.

<sup>18</sup> Cf. VD 51.

<sup>19</sup> Cf. Idem 51.

<sup>20</sup> Cf. VS 25.

<sup>21</sup> VD 51.

Disso, percebemos que a graça de ser inserido no corpo místico de Cristo, volve-nos a Deus como filhos por meio do mandato apostólico presente na Igreja.<sup>22</sup>

### 1.2A Unidade da Igreja

Dentro da patrística, temos como um grande tratado de eclesiologia *A Unidade da Igreja Católica* texto elaborado por São Cipriano de Cartago<sup>23</sup>. Tal tratado é de suma importância para compreensão da Igreja como Unidade, pois demonstra a unidade do corpo de Cristo. De tal modo, vê-se que as reflexões de São Cipriano são muito contemporâneas, desembocando numa visão do corpo eclesial guiado por seus pastores, uma única comunidade de fiéis inserida em Cristo. Para tanto, os leigos entendem seu papel e sua vivência da fé dentro da unidade de uma única Igreja e não numa esfera que se distancia da hierarquia, pois ela é um ponto de unidade e coesão entre todos os fiéis.

Ele escreveu tal tratado em um contexto de graves provações à Igreja<sup>24</sup>, as perseguições eram fortes e sangrentas. Cipriano se fundamenta em textos bíblicos para levar seu leitor à dinâmica da dificuldade frente a um cisma, ou seja, das divisões que poderiam surgir da Igreja de Cristo. Ele vai contra as ciladas do inimigo, aquele inimigo referido na Sagrada Escritura, que traz a divisão, que vem sorrateiramente. Que desde o começo do mundo mente e engana as almas, entretanto, Cristo também foi tentado por ele, contudo venceu-o.

Cristo é o único referencial da Igreja, ele mostra os passos a serem seguidos, isto é, os mandamentos. Aquele que se esquece do seguimento de Cristo não pode ser seu discípulo, quem vai contra Cristo anda no erro. Naquele período, São Cipriano alertava os fiéis que com astúcia levantam fraude, introduzem as heresias e os cismas para derrubar a fé, macular a verdade e a unidade. Jesus instituiu a Pedro como a

<sup>22</sup> Cf. VALLS, Carmen Aparicio; PIÉ-NINOT, Salvador (orgs.). *Commento alla Verbum Domini*. Gregorian e Biblical Press: Roma, 2011. p. 97.

<sup>23</sup> Cipriano nasceu em uma família nobre e pagã em Cartago entre 200-210. Em 246, converteu-se ao cristianismo por influência de Cecílio, dando todas as suas riquezas aos pobres. Ele possuía grande prestígio em Cartago como hábil retórico e mestre de eloquência. Pouco tempo depois de sua conversão, tornou-se sacerdote. No ano de 248, foi eleito bispo de Cartago.

<sup>24</sup> Em 249, Décio iniciou uma nova perseguição que tinha o objetivo de extirpar com o cristianismo. Começando com a destruição de seus membros mais influentes. Com o fim das perseguições, havia vários *lapsis* (latim para "caídos", eram os apóstatas ou cristãos que renegaram sua fé durante as perseguições pelo Império Romano. O termo também engloba os que relaxaram em sua fé e que decidem depois voltar para ela) e confessores. Os maiores medos eram das heresias e dos cismas. Assim, Cipriano buscava realçar a importância e a necessidade da unidade da Igreja.

pedra de edificação da Igreja, o que significa que sobre um só edificou a Igreja. Para trazer luz a unidade, dispôs que a origem da unidade procedesse de um só. Pela força que exerce sobre os crentes, o bispo de Cartago reconhece na unidade um “sacramento”. Os bispos são colocados como os compromissados em guardar e exigir a unidade, dando provas de um episcopado indiviso. Como há muitos bispos, entretanto, uma só ordem episcopal, a Igreja também é uma, mesmo frente a multidão nela contida.

A Igreja de Cristo não é adúltera, ela é incorruptível e casta. Aqueles que se distanciam da Igreja vão juntar-se a uma adúltera, ficam privados dos bens prometidos à Igreja, “como ninguém se pôde salvar fora da arca de Noé, assim ninguém se salva fora da Igreja”<sup>25</sup>. Quem se liga a Deus como Pai, tem a Igreja como Mãe. Assim como a túnica de Cristo é inviolada, assim é a unidade eclesial, é inteira, sem divisão. Não é possuidor da veste de Cristo aquele que divide e rasga a Igreja de Cristo.<sup>26</sup>

O bispo de Cartago questiona a possibilidade dos que tramam contra os sacerdotes de Cristo, contra a comunidade do seu clero e do seu povo ainda estar com Cristo. Eles levantam a arma contra a Igreja, resistem às ordens de Deus, põem-se em oposição ao sacrifício de Cristo. Esse crime é pior que o cometido pelos *lapsis*<sup>27</sup>, estes com súplicas pedem satisfação de seus pecados, enquanto os cismáticos não, só buscam combater a Igreja.

Deus é um, Cristo é um, uma é a sua Igreja, uma a fé e o povo (cristão) é também um, aglutinado pela concórdia como na compacta unidade de um corpo. Esta unidade não pode ser quebrada. Um corpo não pode ser dividido, desarticulando as suas juntas. Não pode ser reduzido a pedaços, dilacerando e arranhando as suas vísceras. Tudo o que se separa do centro vital não pode continuar a viver ou a respirar porque fica privado do alimento indispensável à vida.<sup>28</sup>

A unidade reinou desde os tempos apostólicos o povo que acreditava guardava os ensinamentos e permanecia fiel. A união está ameaçada, não se atenta ao dia do Senhor, à ira de Deus e às coisas que hão de vir. O objetivo é exortar que se quebre o sono da inércia e se cumpra os preceitos do Senhor, colocando em prática os mandamentos e permanecendo na unidade de Cristo.

<sup>25</sup> SÃO CIPRIANO. *A Unidade da Igreja Católica*. Editora Vozes: Petrópolis, 1973. p.35.

<sup>26</sup> Idem. p.35.

<sup>27</sup> Os que negaram a fé.

<sup>28</sup> SÃO CIPRIANO. *Op. cit.* p. 54.

### 1.3 O caminho para definição de Leigo na história eclesial

A figura do leigo remete a maior parte dos cristãos, homens e mulheres que desde os primeiros séculos da Igreja assimilaram a mensagem do texto evangélico e propagaram no lugar onde estavam. Ao mesmo tempo, dedicavam-se as tarefas que sua vida cotidiana impunha. Nos fiéis leigos, guiados por seus pastores, foi-se configurando a existência cristã e foi tomando corpo a Igreja. Isso aconteceu muito antes de uma denominação da teologia laical, assim como a busca pela santidade, que é o centro da mensagem e da vida cristã, veio antes da teologia, de modo geral.<sup>29</sup>

No texto conciliar, pode-se afirmar que existem dois sentidos principais da palavra *Leigo*. São esses: o batizado que não recebeu o sacramento da ordem – essa é também, a definição canônico-sacramental de leigo<sup>30</sup>; e os fiéis que se caracterizam por sua missão no mundo<sup>31</sup>. A noção de leigo aqui presente não é um vazio de carismas e serviços.<sup>32</sup> No parágrafo 31, a *Lumen gentium* clarifica o que ela entende por leigo no que é próprio a ele, a *indoles saecularis*.<sup>33</sup> Essa definição sublinha a dedicação aos assuntos seculares próprios dos leigos. “É, porém, específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus.”<sup>34</sup> Até aqui, o termo *proprium* só apareceu no texto que se aplica aos leigos para qualificar sua índole secular e sua vocação. Disso decorre que não se trata de uma existência dedicada a um aspecto do mundo, mas uma existência entrelaçada por aspectos e características dele.<sup>35</sup>

Os estudos filológicos mostram que o Leigo não era, no Antigo Testamento, simplesmente um membro qualquer do Povo de Deus. Mais adiante percebeu-se que designava um tipo de membro do povo, aqueles que não governavam.<sup>36</sup> Aqui queremos tomar notas sobre o vocábulo *leigo*. A palavra κληρος<sup>37</sup> encontra-se abundantemente na Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento. O sentido dela é de *sorte*

<sup>29</sup> Cf. PELLITERO, Ramiro. *La Contribución de Yves Congar a la Reflexión Teológica Sobre El Laicado* ScrTh 36 (2004/2) p. 474.

<sup>30</sup> Cf. LG 43.

<sup>31</sup> Cf. LG 31.

<sup>32</sup> Cf. CALABRESE; GOYRET; PIAZZA (eds.). *Diccionario de Ecclesiología*. p.792.

<sup>33</sup> Índole secular.

<sup>34</sup> LG 31.

<sup>35</sup> Cf. CALABRESE; GOYRET; PIAZZA (eds.). *Op. cit.* p. 792-794.

<sup>36</sup> Cf. PELLITERO, Ramiro. *Op. cit.* p. 474

<sup>37</sup> Kleros, donde se deriva *cleros* e *clérigo*.

e de *porção, parte sorteada*. Já o termo  $\lambda\alpha\iota\kappa\acute{o}\varsigma$ <sup>38</sup> não se encontra na Bíblia, encontra-se, ao invés,  $\lambda\alpha\acute{o}\varsigma$ <sup>39</sup>, da qual seria o adjetivo, essa é muito empregada. Esse termo, quer dizer *povo*, na bíblia, quer dizer mais que isso. Muitas vezes,  $\lambda\alpha\acute{o}\varsigma$  é o termo oposto a  $\tau\alpha\ \epsilon\theta\nu\eta$ <sup>40</sup> e designa expressamente o povo *de Deus*, distinto dos gentios<sup>41</sup>. Nossa palavra *leigo* liga-se, portanto, a outra, que na linguagem cristã, designava o povo consagrado por oposição aos profanos.<sup>42, 43</sup>

A carta de São Clemente I aos Coríntios<sup>44</sup> introduz o vocábulo no campo cristão.<sup>45</sup> “Pois ao sumo-sacerdote foram confiadas tarefas particulares, aos sacerdotes um lugar próprio, aos levitas certos serviços e o leigo liga-se pelas ordenações exclusivas dos leigos.”<sup>46</sup> Nota-se que Clemente faz a distinção dos padres e levitas, dando aos fiéis um nome que exprimia diretamente sua pertença ao povo. O teólogo Y. Congar ressalta que a versão latina dessa carta traduz *laikós* por *plebeius*, aquele que é da *plebs*<sup>47</sup>, da comunidade cristã.<sup>48, 49</sup>

A presença do termo foi se tornando abundante a partir do século III. Com o desenvolvimento da vida cristã apresentaram-se não só dois termos – clérigos e leigos – surge uma terceira categoria, a dos religiosos. Desde o início do cristianismo já se apresentavam comunidades de ascetas, continentas e virgens. Contudo, o monaquismo em si começou pela metade do século III.<sup>50</sup> A primeira manifestação da vida monástica aparece logo entre os primeiros cristãos, em tempos apostólicos. A esse estilo de vida era atribuído a abstenção do matrimônio, o voto de castidade e diversas práticas de penitência e piedade. A continência e a vida austera eram consideradas essenciais para um perfeito ascetismo. Manifestação que já é acenada por São Clemente Romano, Santo Inácio de Antioquia e vários apologistas pouco depois.<sup>51</sup>

<sup>38</sup> Laikos, termo originário para leigo.

<sup>39</sup> Laós termo grego para povo.

<sup>40</sup>  $\tau\alpha\ \epsilon\theta\nu\eta$  (as nações).

<sup>41</sup> Os goim – é a palavra hebraica referindo-se para nação ou povo, diz-se da pessoa que não é judia.

<sup>42</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. p. 14.

<sup>43</sup> Cf. FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 21.

<sup>44</sup> Ano 95 d.C.

<sup>45</sup> Cf. PELLITERO, Ramiro. *Op. cit.* p. 474.

<sup>46</sup> CLEMENTE. *Primeira Carta Aos Coríntios*. In. BIBLIOTHECA PATRISTICA. XL, 5.

<sup>47</sup> *Plebs* mantém esse sentido (comunidade cristã) constantemente em Tertuliano e em São Cipriano.

<sup>48</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Op. cit.* p. 15. Nota 4.

<sup>49</sup> Cf. FORTE, Bruno. *Op. cit.* p. 22.

<sup>50</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Op. cit.* p. 17.

<sup>51</sup> Cf. LLORCA, Bernardino. *Historia de la Iglesia Católica: Edad Antigua, La Iglesia em el mundo grecorromano*. 7ªed. Madid: BAC, 2009.p. 587-588.

De modo geral, desde a metade do século III se pode fazer uma distinção evidente de três estados na vida eclesial que ainda não era formulada e codificada. A condição do fiel leigo não é absolutamente definida, são os cristãos que se santificam no mundo, ocupa-se de tarefas seculares. A condição clerical é bem definida pelo serviço ao altar, constitui-se pelo ministério, a diaconia, o serviço das coisas sacras. O religioso se distingue pelo estilo de vida, uma vida de consagração pessoal a Deus.<sup>52,53</sup>

A partir do século V, sucede uma definição mais clara entre homem religioso e homem secular. Em consequência, foi-se amadurecendo a ideia de que os leigos são menos devotos, pois vivem em função das coisas mundanas. Aquela perspectiva de vida apostólica e espiritual vinda dos primeiros cristãos, foi-se transferindo para a vida religiosa tendo como pano de fundo de uma escatologia consumada.<sup>54</sup> Com o passar dos anos essa divisão torna-se mais rigorosa, é aclarada no clássico decreto de Graciano<sup>55</sup>: a bipartição dos cristãos entre homens do culto e homens do século. Graciano atribui a São Jerônimo o reconhecido dizer “*Duo sunt genera christianorum*”<sup>56</sup>. No primeiro gênero estão os que se voltam para Deus, uma dualidade difusa na cléricatura-monaquismo, no segundo os que obedecem. Os *duo genera*

[...]hacen referencia no a la organización de la Iglesia (en sentido estricto, no en el amplio de la *Christianitas*), por la que unos – los *clerici* – mandan y otros – los *laici* –, obedecen, sino a las *duae vitae*, es decir, a los dos modos de vivir el único mensaje cristiano en aquella unidad cívico-religiosa que se llamó *Christianitas*.<sup>57</sup>

Em Hugo de São Vitor, cristalizou-se uma imagem de dois lados do corpo. A unidade da *respublica christiana* era constituída pela Igreja e a sociedade eram dois poderes que levavam duas vidas, por isso, dois lados do corpo. Essa imagem traz consigo um pano de fundo que retira do fiel leigo o seu lugar na construção da Igreja, há uma rachadura entre o elemento espiritual e o temporal.<sup>58</sup>

<sup>52</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. p.18-19.

<sup>53</sup> Cf. PELLITERO, Ramiro. *La Contribución de Yves Congar a la Reflexión Teológica Sobre El Laicado* p. 475.

<sup>54</sup> Cf. Idem. p. 475.

<sup>55</sup> Século XII.

<sup>56</sup> V. 1140.

<sup>57</sup> FORNÉS, Juan. *Notas sobre El «Duo Sunt Genera Christianorum» del Decreto de Graciano*. In. IUS CANONICUM, XXX, n. 60,1990,607-632. Pamplona: Universidad de Navarra, 1990. p. 610.

<sup>58</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Op. cit.* p. 28

Nos séculos subsequentes a Igreja fica marcada pelo esquema hugoniano, um povo que caminha junto ao papa – bispos, clérigos e monges – e outro ao imperador – príncipes, cavaleiros, homens e mulheres do povo. Daí, uma gênese de dualismo na Igreja, momento em que os príncipes reivindicaram a qualidade de chefes do corpo cristão. Tal visão dava vassalagem aos ideais dos reformadores protestantes<sup>59</sup>. Em tais reformadores, a Igreja compõe-se simplesmente da cidade leiga enquanto submissa a lei de Deus.<sup>60</sup>

A desvalorização da condição do fiel leigo é uma constante na história segundo o teólogo Ramiro Pellitero, pode-se fazer três marcações para isso: uma visão negativa da santidade no mundo; uma visão passiva do leigo; o processo de secularização a partir do século XVIII. A visão negativa da santidade no mundo foi traçada, como apontamos acima, a partir dos textos de Graciano e de Hugo de São Vitor, expõe a inaptidão laical para a vivência da religião. A interpretação origeniana que identifica a multidão que segue Jesus como o leigo, do outro lado os discípulos, aqueles que se reservam ao radicalismo cristão na vida consagrada.<sup>61</sup>

Em segundo lugar, a visão passiva do laicato que marca a visão exclusivista da recepção dos sacramentos por parte dos leigos, abandonando a responsabilidade na missão da Igreja. Isso é fundamentado no aspecto dos “poderes”, cunhando uma relação estrita ao paternalismo antigo e a mentalidade estamental do medievo. Por fim, entra-se num momento de secularização, valorizando uma eclesiologia jurídica que fazia frente as tensões de poderes temporal e espiritual e conciliarismo e protestantismo. Caminhava-se para uma definição de leigo em torno da obediência, essa culminou no século XIX. O processo de secularização levou o mundo eclesiástico a um distanciamento do mundo civil.<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> Os reformadores do século XVI.

<sup>60</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. p. 28-31.

<sup>61</sup> Cf. PELLITERO, RAMIRO. *La Contribución de Yves Congar a la Reflexión Teológica Sobre El Laicado*. p. 475-477.

<sup>62</sup> Cf. *Idem* p. 475-477.

## 2 POSIÇÃO DE UMA TEOLOGIA DO LAICATO

*“Por vocês sou bispo e com vocês sou cristão.”  
Santo Agostinho em Sermões 340, 1*

A doutrina da Igreja no Concílio Vaticano II trouxe a revalorização do laicato, visando devolver seu lugar autêntico. Além disso, mostrar que através das coisas deste mundo é possível o caminho para a santificação, a entrega total a Deus. É perceptível que não basta uma reforma litúrgica. Os padres vão além, é preciso trabalhar cristãmente juntos. Além do mais, o espírito de uma Igreja em comunhão é valorizado: um povo que se mantém caminhando em comunhão rumo a Deus. O laicato foi colocado em relação a uma teologia das coisas terrenas delas os leigos são os principais ministros. Eles são os administradores das realidades do mundo e pela vocação matrimonial.<sup>63</sup>

Esse florescer da doutrina do laicato vem de uma revalorização da vocação e missão dos leigos originária da metade do século XX. Alguns fenômenos eclesiais desse período foram de suma importância a própria descristianização na Europa central antes dos anos cinquenta. Para reverter essa descristianização, percebeu-se que os leigos podem influenciar na cristianização, pois chegam onde nenhum clérigo poderia chegar. Surgiu também o movimento litúrgico que buscava a participação dos fiéis na liturgia. Os movimentos de ação católica. A chamada universal a santidade, impulsionada por São Josemaría Escrivá.<sup>64</sup>

Também a Teologia se renovou, pois retornou às fontes, trazendo a Teologia da História como carro chefe, uma visão de Igreja como comunidade de fiéis e uma renovada reflexão da ação pastoral. A espiritualidade foi tomando uma harmonia maior com a teologia, contestando a ideia de perfeição cristã por meio do afastamento do mundo, das coisas correntes. Os estudos que relacionavam a criação e a redenção foram popularizados, tanto na eclesiologia – a história temporal entra na história da salvação – quanto na espiritualidade – as fontes da vida espiritual não estão à margem da experiência humana.<sup>65</sup>

<sup>63</sup> Cf. Olivier Rousseau, OSB. *A Constituição no Quadro dos Movimentos Renovadores de Teologia e de Pastoral das Últimas Décadas*. In: *A Igreja do Vaticano II*. Org. Frei Guilherme Baraúna, OFM. p. 127-129.

<sup>64</sup> Cf. POLLITERO, Ramiro. *La Contribución de Yves Congar a la Reflexión Teológica Sobre El Laicado* p. 477-478.

<sup>65</sup> Cf. Idem. p. 477-478.

Surgem diversos autores que buscam desenvolver uma reflexão teológica do laicato. Dentre eles, destacam-se três, o italiano Raimondo Spiazzi, o francês Yves Congar e o belga Gérard Philips. A Ação Católica foi uma grande inspiração para a participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja. Uma tentativa de colocar a Igreja em diálogo com o mundo, penetrá-lo para alcançar uma recristianização. Com a Ação Católica, veio a discussão se os leigos que participavam da missão clerical, a evangelização, continuavam leigos. Dessa discussão efervesceram diversas opiniões, como as de Karl Rahner, que acreditava que cessavam de ser leigos, e de von Balthasar, que afirmava que a figura do leigo se opunha a do clérigo, mas não a do religioso concluía que essas pessoas eram ao mesmo tempo leigos e religiosos.<sup>66</sup>

De tantas abstrações e teorias, ficam questões em aberto sobre a dimensão do leigo na vida eclesial: a divisão da índole secular e religiosa, a conceituação de Igreja como uma sociedade perfeita separada do Estado. Uma mentalidade de autodefesa da Igreja. Mas agora, tem-se um desenvolvimento abrangente do conceito de fiel leigo, na dimensão espiritual e teológica. Fica em aberto a dimensão do trabalho laical e sua contribuição na missão da Igreja. Nesse ventilar de questões e teorias, desenvolveu-se a Teologia do Laicato presente no Concílio Vaticano II.<sup>67</sup>

## 2.1 Filhos no Filho

A vida do fiel leigo encontrar-se existencialmente com a radical novidade cristã proposta no batismo, o sacramento da fé. A exortação apostólica *Christifidelis laici* propõe três aspectos fundamentais – ele regenera, une e unge – para descrever a figura do fiel leigo: “O Batismo regenera-nos para a vida dos filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e ao seu corpo que é a Igreja, unge-nos no Espírito Santo, constituindo-nos templos espirituais”<sup>68</sup>. O Batismo é o novo nascimento do homem, com esse sacramento, tornarmo-nos filhos de Deus no seu Filho, Jesus Cristo. Daí, somos associados ao Filho e a sua missão, sendo conformes a imagem d’Ele. E é no Espírito Santo que somos constituídos em filhos e membros do corpo.

<sup>66</sup> Cf. PELLITERO, Ramiro. *La Contribución de Yves Congar a la Reflexión Teológica Sobre El Laicado* p. 480.

<sup>67</sup> Cf. KELLER, Max. *Teología do Laicato*. In. *Fundamentos de dogmática Histórico-Salvífica: A Igreja*. Coleção Mysterium Salutis. Petrópolis: Editora Vozes, 1977. p. 72-76.

<sup>68</sup> CfL 11.

O homem é criado para alcançar a dignidade de filho de Deus, entrando na intimidade divina, uma conexão com o mistério da Santíssima Trindade. Pela bondade, Deus nos quis introduzir em sua intimidade. Essa introdução é a filiação divina, nela entramos em comunhão com Deus.

O Eterno Pai, pelo libérrimo e insondável desígnio da Sua sabedoria e bondade, criou o universo, decidiu elevar os homens à participação da vida divina e não os abandonou, uma vez caídos em Adão, antes, em atenção a Cristo Redentor «que é a imagem de Deus invisível, primogénito de toda a criação» (Col. 1,15) sempre lhes concedeu os auxílios para se salvarem.<sup>69</sup>

Em Gálatas<sup>70</sup>, vemos que depois do pecado de Adão, Deus Pai decide enviar seu Filho Unigênito ao mundo, para a redenção do homem, sua adoção filial. Deus nos constitui membros de sua família. Sempre que se diz dessa adoção, avulta-se o caráter de dom gratuito, que se edifica sobre a nossa debilidade.<sup>71</sup> Deus em sua bondade criou o ser humano livre para inseri-lo em sua vida bem-aventurada convidada a todos, mesmo dispersos pelo pecado, a viverem unidos a sua família. Deus realiza tal inserção por seu Filho. N'Ele e por Ele os homens se tornam filhos adotivos de Deus e herdeiros da beatitude.<sup>72</sup>

Essa condição de filhos adotivos versa sobre a condição sacramental do crente, que está no próprio batismo, o batismo regenera, constitui filhos, une a Cristo e ao seu Corpo que é a Igreja. Produz a inserção mística e real ao seu corpo crucificado e glorioso. Jesus une o batizado com sua morte para fazê-lo também na ressurreição. A vida do crente se torna a vida de Cristo, isto é, o chamado a tornar-se não só *alter Christus*, mas *ipse Christus*, Cristo é o Filho Unigênito do Pai, nós somos filhos de Deus na medida em que somos o mesmo Cristo.<sup>73</sup>

Assim, percebemos mais claramente que a fé é uma ação que vem de Deus, não é um movimento do homem a Deus, mas sim um movimento de Deus ao homem. Pois em Cristo, Deus se abre ao mundo, estabelecendo com esse movimento descendente o sentido de toda a ascensão do homem para Ele.<sup>74</sup> A *Lumen gentium* sintetiza essa realidade: “Veio, portanto, o Filho, enviado pelo Pai. Foi n'Ele que, antes

<sup>69</sup> LG 2.

<sup>70</sup> Cf. Gl, 4, 5.

<sup>71</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Naturaleza, gracia e gloria*. 2ªEd. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2001. p. 181-184.

<sup>72</sup> CCE 1.

<sup>73</sup> Cf. RIO, Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia em la entraña del mundo*. Madrid: Palabra, 2015. p. 345-348.

<sup>74</sup> Cf. BALTHASAR, Hans Urs von. *Verbum Caro*. Madrid: Encuentro, 2001. p. 173-174.

da constituição do mundo, o Pai nos escolheu e predestinou a sermos filhos adotivos<sup>75</sup>. Há íntima ligação entre a adoção filial e a missão de Cristo, com Ele se inaugura na terra o Reino dos céus, e mantém nele, por sua paixão, a unidade dos fiéis em um só corpo.

1) La Iglesia-sacramento como realidad de filiación divina y fraternidad universal, como expresión de su 'realidad teologal' y 'última' (*res sacramenti Ecclesiae*), cuyo fin último es la 'unión íntima con Dios' – filiación – y la unidad de todo el género humano – fraternidad – (LG 1), o 'la salvación' (LG 48.59; AG 1.5; GS 45); es la dimensión más profunda y ontológica de la Iglesia.<sup>76</sup>

O teólogo Pié-Ninot, no Dicionário de Eclesiologia, ressalta a Igreja como uma realidade de filiação divina, pois só nesse contexto podemos compreender seu fim. Essa filiação transporta o homem à realidade mais profunda do cristianismo, que é a salvação. Deus conduz à unidade todos os homens e os convida à vida de santidade e comunhão, realidade a qual somos inseridos por meio do mistério batismal.

## **2.2 A dignidade dos fiéis leigos: o mistério da vinha, a expressão do povo de Deus.**

O Concílio buscou tornar clara a visão da eclesiologia utilizando-se de diversas imagens para referir-se a Ela. Dentre as imagens bíblicas empregadas pela *Lumen gentium*<sup>77</sup>, o papa João Paulo II escolheu, na exortação apostólica *Christifidelis laici*, a imagem da videira verdadeira que dá vida e fecundidade aos ramos.<sup>78</sup> “A própria Igreja é, portanto, a vinha evangélica”<sup>79</sup>. Essa imagem nos conduz ao chamado de viver na *comunhão* com Deus e a manifestá-la. O documento elucidava que “só *no interior do mistério da Igreja como mistério de comunhão se revela a 'identidade' dos fiéis leigos, a sua origem e dignidade*”.<sup>80</sup> Para o desenvolvimento de um estudo fundado na identidade do fiel leigo, temos de perceber o mistério da Igreja como

<sup>75</sup> LG 3.

<sup>76</sup> 1) A Igreja-sacramento como a realidade da filiação divina e da fraternidade universal, é expressão de sua 'realidade teologal' e 'última' (*res sacramenti Ecclesiae*), cujo fim último é a 'união íntima com Deus' – filiação – e a unidade de todo o gênero humano –fraternidade – (LG, 1), ou 'a salvação' (LG, 48.59; AG, 1.5; GS, 45); é a dimensão mais profunda e ontológica da Igreja. [Tradução nossa] Pié-Ninot in. *Diccionario de Eclesiología*. p. 1328.

<sup>77</sup> Cf. LG 6.

<sup>78</sup> Cf. Jo 15,1-5

<sup>79</sup> CfL 8.

<sup>80</sup> CfL 8.

comunhão. Com a imagem bíblica da vinha, os fiéis leigos são como todos os outros membros, são ramos inseridos em Cristo e alimentados por Ele.

A noção de *comunhão*<sup>81</sup> é o conceito que reúne as imagens de Igreja expressas na *Lumen gentium*. O papa João Paulo II foi claro ao dizer, em 1990, aos bispos da Cúria Romana que é a *κοινωνία*<sup>82</sup> que resguarda a relação com a constituição da Igreja e toda sua manifestação. O Concílio Vaticano II utiliza-se da comunhão como sua ideia central em todos os documentos.<sup>83</sup> Parte-se da compreensão de Igreja em sua totalidade.<sup>84</sup> Expressa sua noção mais íntima, pois:

O conceito de *comunhão* está "no coração da autoconsciência da Igreja", enquanto Mistério da união pessoal de cada homem com a Trindade divina e com os outros homens, iniciada na fé, e orientada para a plenitude escatológica na Igreja celeste, embora sendo já desde o início uma realidade na Igreja sobre a terra.<sup>85</sup>

Esta comunhão é a expressão da união das Pessoas Divinas com as pessoas humanas. Ela acontece através de Jesus Cristo, que comunica ao homem a vida divina, ao mesmo tempo em que é a Cabeça de seu Corpo. Acontece no Espírito Santo, o princípio da unidade, Ele é o amor do Pai e do Filho, também une a Igreja, por meio da caridade, ao Pai e ao Filho. Como explica o teólogo Françoá Costa,

A Igreja tem unidade: 1) no *plano intencional*, pois conhece e ama o mesmo objeto, que é Deus; 2) no *plano entitativo*, isto é, no plano do ser, que é a comunhão de vida que flui da Cabeça por meio da graça e das virtudes; 3) no *plano místico*, que faz com que ela seja *quase uma única pessoa mística* devido à morada do Espírito Santo na Cabeça, Cristo, e no Corpo, a Igreja.<sup>86</sup>

É uma comunhão teologal e trinitária de cada um dos fiéis com o Pai e o Filho e o Espírito Santo, que superabunda na comunhão entre os crentes, fazendo deles

<sup>81</sup> Em 28 de Maio de 1992, a Congregação para a Doutrina da Fé publica o documento: *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão*. Através dele, percebemos que o Magistério evoca que o termo *Comunhão* é muito adequado para exprimir o núcleo profundo do Mistério da Igreja, além disso, deve ser a chave de leitura para uma renovada eclesiologia católica. Desta forma, privilegiaremos tal noção da eclesiologia.

<sup>82</sup> Koinonía.

<sup>83</sup> Cf. João Paulo II, AI CARDINALI, ALLA CURIA E ALLA PRELATURA ROMANA PER LA PRESENTAZIONE DEGLI AUGURI NATALIZI. 20 dezembro 1990. n.3 In. [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1990/december/documents/hf-jp-ii\\_spe\\_19901220\\_curia.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1990/december/documents/hf-jp-ii_spe_19901220_curia.html).

<sup>84</sup> Cf. COSTA, Françoá. *A Igreja de Jesus Cristo: Eclesiologia hoje*. São Paulo: Cultor de Livros, 2020. p.204-206.

<sup>85</sup> CoN 6.

<sup>86</sup> COSTA, Françoá. *op. cit.* p. 208.

um povo.<sup>87</sup> A comunhão que vincula Cristo e os batizados é viva e vivificante nela os cristãos deixam de pertencer a si mesmos, tornando-se de Cristo<sup>88</sup>. Observa-se uma comunhão *vertical* – de cada homem com a Trindade – e *horizontal* – dos homens entre si.<sup>89</sup>

Com o anseio compreender a comunhão de cada um com Cristo, é fundamental apreender o conceito tomista de participação<sup>90</sup>. A *κοινωνία* expressa a união dos que participam dos mesmos bens. A comunhão entre os membros da Igreja, que pode ser realizada na dimensão de *Corpo místico* de Cristo<sup>91</sup> e enquanto a Igreja, *povo* de Deus. Respectivamente, a comunhão entre os membros pode ser espiritual e invisível, também visível e social. A comunhão que sustenta a unidade entre os membros do Corpo baseia-se na participação no mesmo espírito<sup>92</sup>. Santo Tomás acentua que a participação no mesmo espírito, faz-se pelo Espírito Santo e ela é a caridade. A comunhão na caridade tem em seu fundamento a comunhão na fé.<sup>93</sup>

Contudo, a comunhão, em seu aspecto espiritual entre os membros da Igreja, só será plena na glória só lá terá a plenitude de seu fundamento, que é a comunhão-participação de cada um com Deus em Cristo. Na Igreja *in terris*, a participação de cada um com Deus em Cristo é “imperfeita”. Deriva daí, que a comunhão espiritual entre os homens também é imperfeita.<sup>94</sup> No conceito de participação, quanto mais perfeito é o “participar”, mais se resume em “alcançar”<sup>95</sup>. Decorrente disso, na glória se tem uma perfeita *koinonia* entre os santos<sup>96</sup>. Dessa perfeita *koinonia*, deriva a comunhão horizontal na Igreja terrestre<sup>97</sup>. Esse é um ponto crucial para a compreensão de coparticipação dos leigos na missão da Igreja, que é a colaboração de todos os membros do Corpo para a transmissão da verdade e paz do Senhor.

<sup>87</sup> Cf. João Paulo II, AI CARDINALI, ALLA CURIA E ALLA PRELATURA ROMANA PER LA PRESENTAZIONE DEGLI AUGURI NATALIZI.

<sup>88</sup> Cf. CfL 18.

<sup>89</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Naturaleza, gracia y gloria*. p. 157-158.

<sup>90</sup> Cf. Idem p. 158.

<sup>91</sup> Essa dimensão é expressa por São Paulo em suas cartas.

<sup>92</sup> Efésios 4, 4: *unum corpus, et unus spiritus*.

<sup>93</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Op. cit.* p. 160.

<sup>94</sup> Cf. Idem p.161

<sup>95</sup> Termo platônico e agostiniano recolhido por Santo Tomás para expressar o modo mais perfeito de “participar”. Indicação do vínculo metafísico que ordena e conecta os seres entre si, e com Deus. (OCÁRIZ. Idem. p.161).

<sup>96</sup> *Communio sanctorum*.

<sup>97</sup> Fruto disso é a solidariedade espiritual exposta por São Paulo em ICor 12,25-27 e Ef 1,23; 3,3-6.

### 2.3 A função sacerdotal, real e profética e os leigos

Para iniciarmos nossa reflexão sobre a função sacerdotal e os leigos, é bom notarmos que nos textos do Novo Testamento, dos padres apostólicos e subapostólicos são utilizadas as palavras *ιερεύς*<sup>98</sup>, ou *ἀρχιερεύς*<sup>99</sup> para indicar os sacerdotes levíticos e os pagãos. Contudo, não se aplica ao sacerdócio cristão, senão ao próprio Cristo e, por outra parte, aos fiéis. Os ministros que são chamados de “sacerdotes” pelos cristãos católicos, são derivados da uma palavra que significa Anciãos, *πρεσβύτερος*<sup>100, 101</sup>

Pode-se dizer aqui de uma qualidade sacerdotal espiritual e verdadeira, verdadeira porque espiritual, é comunicada a todos os membros do corpo de Cristo, é uma qualidade do próprio Cristo. Aparece a dimensão batismal, momento em que o que é dado a um só, é estendido e comunicado a todos. No herdeiro, Filho de Deus, nos tornamos filhos no Filho, Cristo é o templo único, e os fiéis são templos com Ele. Um único sacerdote, os fiéis sacerdotes com Ele.<sup>102</sup> Em Hebreus 8,1, Jesus é o pontífice verdadeiro, ele é o tabernáculo que se abre a todos os homens. Já em Hb 10, 19-22, o homem, pelo sangue de Cristo, pode entrar no Santo dos Santos, o caminho foi aberto através do véu. Coisa que só o sumo-sacerdote, uma vez ao ano tinha acesso. No panorama do NT<sup>103</sup>, a oferta de coisas materiais é obsoleta, agora, o serviço é a construção de um templo espiritual que é a oferta livre do próprio homem.<sup>104</sup>

O culto dos fiéis e o sacrifício deles, ou seja, o sacerdócio que corresponde a eles, é, em sua essência, “uma vida santa, religiosa, de oração, consagrada, caridosa, misericordiosa, apostólica.”<sup>105</sup> Congar consegue mostrar que o sacerdócio que corresponde aos fiéis leigos não é concebido no plano propriamente litúrgico ou sacramental. O sacerdócio dos fiéis é um sacerdócio espiritual. Isso manifesta que não é da ordem do culto público ou sacramental da Igreja. Tal ponderação vai ao

<sup>98</sup> Hiericus. Quando os XLL traduzem *kohen* por *hiericus* indicam uma substancial continuidade entre a instituição sacerdotal grega e judia. Na literatura do AT, como na literatura profana, o sacerdócio está caracterizado por uma multiplicidade de tarefas que entram na lógica da mediação.

<sup>99</sup> Archiereus.

<sup>100</sup> Presbítero.

<sup>101</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. p. 174-176.

<sup>102</sup> Cf. Idem p. 177-178.

<sup>103</sup> Cf. Rm 12.

<sup>104</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Op. cit.* p. 177-177

<sup>105</sup> Idem. p. 180.

encontro as notas do Card. Ratzinger com relação a *Instrução acerca de algumas questões sobre a colaboração dos fiéis leigos no sagrado ministério dos sacerdotes*, o cardeal ressalta que

(...)por uma perda do sentido do sacramento da Ordem sagrada, e por outro pelo crescimento de uma espécie de ministério paralelo, dos chamados “assistentes ou trabalhadores pastorais”, que são chamados com os mesmos títulos próprios dos sacerdotes: pastores, *Seelsorger*, e exercitam um papel de guia da comunidade, vestem paramentos litúrgicos nas celebrações e não se distinguem visivelmente dos sacerdotes. O risco de uma clericalização dos leigos que exercem esta profissão pastoral torna visível e quase incompreensível a diferença essencial entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial.<sup>106</sup>

Por esse motivo, o fiel leigo que vive para executar tais tarefas próprias ao sacerdócio ministerial, na verdade, já deixou de ser um verdadeiro leigo, e perde a identidade na vida e na missão eclesial.<sup>107</sup>

Existe uma unidade entre o sacerdócio comum e o ministerial, mas também uma distinção muito específica, que é entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial. A *Lumen gentium* aponta dois argumentos para explicar o sacerdócio. Primeiramente, Cristo que estabelece um novo povo, um reino de sacerdotes<sup>108</sup>. Os cristãos, como batizados, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo. Aqui aponta-se as obras humanas que são o oferecimento de sacrifício espiritual. O outro argumento é a unidade presente no sacerdócio comum e no ministerial, pois eles ordenam-se um ao outro – “*ad invicem tamen ordinantur*”<sup>109</sup> – diferenciam-se na essência e grau, mas os dois participam do único sacerdócio de Cristo. Ao sacerdócio comum cabe a participação na oblação da Eucaristia, na recepção dos sacramentos, na oração e na vida santa. Ao sacerdócio ministerial compete formar e reger o povo sacerdotal, confeccionar a Eucaristia e oferecê-la a Deus em nome do povo.<sup>110,111</sup>

O sacerdócio comum provém do sacramento do Batismo, enquanto, o ministerial, provém do sacramento da Ordem. O sacerdócio comum não é algo simplesmente espiritual ou material é um chamado a oferecer a Deus todas as

<sup>106</sup> RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã - volume 1: Discursos e Homilias (1986-1999)*. Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 172.

<sup>107</sup> Idem p. 172.

<sup>108</sup> Cf. Ap 1,6.

<sup>109</sup> LG 10.

<sup>110</sup> Cf. LG 10.

<sup>111</sup> Cf. SMEDT, Emile Joseph De. *O Sacerdócio dos Fiéis*. In. BARAÚNA, Frei Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. p. 489- 492.

realidades da vida. Por isso, é um sacerdócio existencial, pois ao exercê-lo, os fiéis oferecem toda a vida, como um perene culto a Deus por meio das diversas ocasiões da vida ordinária. Desta maneira, o culto prestado pelo sacerdócio dos fiéis é toda a sua vida, tendo como que uma alma sacerdotal é a realidade no meio do mundo transformada em culto a Deus.<sup>112</sup>

Tendo explorado a dimensão do sacerdócio comum, agora façamos um breve relance ao múnus profético e ao múnus de reger e a participação dos leigos nos respectivos múnus. O múnus profético de Cristo vem pela proclamação do Reino do Pai pelo testemunho de vida e pela força da palavra. A *Lumen gentium* alerta os católicos para o fato que não é somente pela hierarquia – aquela que ensina em nome de Cristo e com Seu poder – também age pelos fiéis leigos que são testemunhas e portadores do *sensus fidei* e a graça da palavra. Resultado disso é a presença do Evangelho na vida familiar, social e, ou seja, cotidiana. Através dos momentos presentes, esperam a glória futura e combatem às trevas.<sup>113</sup>

No Múnus profético aparece em evidência o estado de vida matrimonial e familiar. “Lá existe o exercício e a escola insigne do apostolado dos leigos, onde a religião cristã invade toda a instituição da vida e dia a dia mais a transforma”<sup>114</sup>. Assim, a vida familiar é o berço do anúncio do evangelho no mundo secular. Aquela pequena comunidade cristã é formada pelo testemunho e vivência de uma doação total, fiel e fecunda, sendo arautos da fé para os filhos e anuncia a todos as virtudes presentes no Reino de Deus.<sup>115</sup>

Cristo entrou na glória de seu Reino e comunicou o Reino aos seus discípulos, com o anseio de situar a liberdade do reino e uma vida santa entre eles, para vencerem, em si mesmos, o reino do pecado. Inspirando neles a ambição do serviço a todos, onde o servir é reinar. Os fiéis leigos são peça chave na dilatação do Reino de Deus, “reino de verdade e vida, reino de santidade e graça, reino de justiça, amor e paz.”<sup>116</sup> Por meio de sua vivência secular, os fiéis leigos tem a oportunidade de ajudarem-se a atingir uma vida mais santa e imbuir no mundo o espírito de Cristo.<sup>117</sup>

---

<sup>112</sup> Cf. COSTA, Françoá. *A Igreja de Jesus Cristo: Ecclesiologia hoje*. p.147-152.

<sup>113</sup> Cf. LG 35

<sup>114</sup> LG 35.

<sup>115</sup> Cf. LG 35.

<sup>116</sup> LG 36.

<sup>117</sup> Cf. LG 36.

### 3 A ESPIRITUALIDADE DOS LEIGOS: *CONSECRATIO MUNDI*

*Reconhece, ó cristão, tua dignidade!*  
*São Leão Magno*

A *Lumen gentium* IV conclui com a chamada dos leigos para o testemunho da ressurreição e vida de Nosso Senhor em todos os lugares e situações do mundo, animando o mundo com o espírito das bem-aventuranças<sup>118</sup> “Numa palavra, o que a alma é no corpo, isso são os cristãos no mundo. A alma está em todos os membros do corpo e os cristãos em todas as cidades do mundo.”<sup>119</sup>

A vocação dos fiéis leigos continua sendo um tema muito importante ao Concílio Vaticano II pode-se observar que o concílio vai além do quarto capítulo da *Lumen gentium*, torna-se pauta também de um decreto, *Apostolicam actuositatem*, que tem por objetivo tornar mais intensa a atividade apostólica dos fiéis leigos, lembrando que essa vocação nunca pode faltar a Igreja. Pode ser considerado a continuação daquela constituição.<sup>120</sup> Além do mais, com o aumento da população e das atividades humanas, aumenta-se o campo para o apostolado do fiel leigo.

A Igreja nasceu com a missão de levar Cristo a toda a terra, tornando os homens partícipes da redenção salutar e levando o mundo inteiro para Cristo. Isso é o que se chama de apostolado. Todos os membros da Igreja exercem-no, cada qual segundo seu modo. Com isso, na Igreja existe uma diversidade de serviços dentro de uma só missão. Os fiéis leigos realizam seu apostolado quando se dedicam a evangelizar e santificar o mundo, dando testemunho de Cristo e sendo fermento do espírito de Cristo.<sup>121</sup>

Cristo recebe e dá o Espírito Santo, também o cristão, que está incorporado a Cristo, é ungido pelo Espírito, tornando-se um mensageiro d’Ele participando da missão profética, sacerdotal e real, como já abordamos no capítulo precedente. Tudo isso resulta na colaboração do fiel leigo na missão da Igreja que se funda na consagração e na doação do Espírito Santo. “A vocação ao apostolado, como a vocação para o todo das atividades ordinárias para tornar participantes todos os homens na redenção operada por Cristo identificam-se com a vocação cristã”<sup>122</sup>.

<sup>118</sup> Cf. Mt 5, 3-9.

<sup>119</sup> Carta a Diogneto, VI.

<sup>120</sup> Cf. ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: à luz do magistério eclesial desde o Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2019. p. 56.

<sup>121</sup> Cf. AA, 2

<sup>122</sup> Bruno forte. *A Missão dos leigos*. p. 47

A Igreja realiza a sua missão em todas as situações históricas. Diante de todas as realidades do mundo no decorrer da história do mundo. Seu lugar no mundo tem um caráter especial. A missão da Igreja não procura uma ordenação das coisas terrenas, mas sim uma formação dos corações humanos para libertá-los da soberba humana e levá-los à vida cristã. O homem se vê atraído por Deus e O escuta. A atividade do cristão não cai numa cegueira, mas é uma ação orientada pela verdade e pelo próprio Amor, dispondo do sinal da palavra, do testemunho, dos sacramentos e da vida.<sup>123</sup> Essa palavra vivida e falada é possuída pelo cristão graças a unção do Espírito Santo procede disso uma conspiração dos fiéis pelo crescimento em direção a plenitude da verdade.<sup>124</sup> O Concílio destacou aos fiéis a obra do Espírito Santo que santifica o povo de Deus, Espírito Santo que o guia, adorna-o e enriquece-o. Essa realidade carismática caracteriza o fiel, que é edificado por dons dados pelo Espírito.<sup>125</sup>

A finalidade da Igreja já determina sua missão, levar a redenção a todos. Essa missão pode ser ainda resumida na transmissão do Evangelho, que tem em si o sentido mostrado por Paulo, “força de Deus para a salvação de todo aquele que crê”<sup>126</sup>. Tem de se olhar através daquela rija definição que considerava o leigo somente como o fiel que não é clérigo, significado que tira do foco a corresponsabilidade de todos os cristãos na missão da Igreja, e perceber que cumulados dos dons carismáticos e habilitados pelos sacramentos da iniciação cristã<sup>127</sup>, os fiéis leigos estão inseridos na missão da Igreja e tem a responsabilidade de realizá-la em suas funções próprias na Igreja e nas realidades terrenas<sup>128</sup>.

### 3.1 A espiritualidade ordenada ao apostolado

No documento *Apostolicam actuositatem*, em sua introdução<sup>129</sup> já é dado o norte para a missão do leigo, a espiritualidade. Philip Goyret nos esclarece que

O fato de colocar a espiritualidade no início do documento sublinha a ideia de que a atividade apostólica não pode ser concebida como “somente atividade”

<sup>123</sup> Cf. SCHMAUS, Michael. *A essência do cristianismo*. Lisboa: Aster, 1966. p. 333; 352.

<sup>124</sup> Cf. FORTE, Bruno. *A Missão dos leigos*. p. 48.

<sup>125</sup> Cf. IuE 1.

<sup>126</sup> Rm 1,16

<sup>127</sup> Cf. CfL 33

<sup>128</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Naturaleza, gracia e gloria*. p. 242.

<sup>129</sup> AA 4.

ou, pior ainda, como ativismo ou mera sociologia religiosa; ela é, ao invés, concebida como superabundância da vida no espírito. Dito de modo negativo: se os leigos não rezam, não farão apostolado, ou ao menos não o faram bem, e até poderão perder o espírito cristão.<sup>130</sup>

O documento zela por uma espiritualidade laical, que é o fundamento para a fecundidade apostólica dos fiéis leigos no mundo. A espiritualidade é o elo entre a vocação e a missão. A união vital com Cristo é a condição de fecundidade. Assim como na proposta da *Christifideles laici*, a parábola da videira que mantém os ramos ligados a ceiva do próprio Cristo aqui a espiritualidade dos leigos é marcada pela integração de toda a sua vida na união pelo exercício das virtudes e a participação nos sacramentos.

Entende-se que há um cristianismo e a obrigação de tender à união com Deus em Cristo, portanto à santidade. Como se tem presente nos primeiros escritos cristãos, que diferentemente dos pagãos, os cristãos tinham comportamento com traços diferentes, por sua espiritualidade, e indicavam o ideal que possuíam.<sup>131</sup> O cristianismo inspira uma nova ordem temporal, pois comporta um novo modo de ver a vida e de ver os outros homens, como o próximo. Com isso, o modo de crer do cristão influenciava diretamente nas atividades terrestres, chegando até a uma simbiose entre Igreja e Estado, a Crístandade. Essa situação abre as grandes possibilidades em todos os lugares do mundo para o engajamento dos fiéis leigos, influenciando cristãmente a legislação, as fundações, as guerras, a organização civil.<sup>132</sup> Faltou-se um reconhecimento das finalidades próprias e intrínsecas ao temporal. Sendo necessário restabelecer uma autonomia entre as realidades terrenas e a autoridade eclesial.<sup>133</sup>

A tradição cristã chama todos à santidade<sup>134</sup>, agora a Igreja redescobriu a necessidade de dar um pronunciamento conciliar sobre uma espiritualidade e meios aptos para assegurar o reinado de Cristo em meio ao mundo profano. A necessidade de uma espiritualidade, um modo de santidade novo, com uma nova forma de agir, mas com a mesma e única santidade. Urge uma tomada de consciência de que a vida cotidiana, profissional, familiar, não é só uma parte da vida do cristão, mas é o meio

<sup>130</sup> GOYRET, Philip. *Il decreto Apostolicam actuositatem. Le grandi novità dell'insegnamento conciliare sui laici*. Apud, ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: à luz do magistério eclesial desde o Vaticano II*. p. 57.

<sup>131</sup> Cf. CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. p. 588-589.

<sup>132</sup> Cf. Idem. p. 593.

<sup>133</sup> Cf. PELLITERO, Ramiro. *La teología del laicado en la obra de Yves Congar*. p. 233.

<sup>134</sup> Cf. LG 40.

em que os fiéis leigos têm de santificar-se e dar glória a Deus. Essa compreensão superou a visão reducionista começou a aparecer dentro do cristianismo.<sup>135</sup> Aliás, a chamada à santidade tem uma exigência de santificação pessoal, do esforço pela santificação dos outros, também o dever de liderar a criação para reconciliar tudo em Deus.<sup>136</sup>

O Papa Francisco esclarece essa santidade,

Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam seus filhos com tanto amor, nos homens e nas mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nessa constância de caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade “ao pé da porta”, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da “classe média da santidade”.<sup>137</sup>

A espiritualidade laical se faz nos sinais de santidade que o Senhor apresenta, das coisas mais simples da vida humana, no dedicar cada momento da vida a Nosso Senhor. É na noite mais escura que surgem os maiores santos e permanecem invisíveis à história. Ser santo não é exclusividade do fiel clérigo ou religioso, pois todos são chamados a ser santos a partir do amor e do testemunho no cotidiano.<sup>138</sup> Todos são vocacionados à plenitude da vida cristã e à caridade perfeita. “todos os fiéis cristãos nas condições, ofícios e circunstâncias de sua vida, e através disto tudo, dia a dia mais se santificarão, se com fé tudo aceitam da mão do Pai celeste e cooperam com a vontade divina”<sup>139</sup>. A universalidade da vocação à santidade representa uma afirmação da positividade das realidades terrenas, tendo sempre em vista a primazia da graça de Deus, pois é ela o vigor dado por Cristo no Espírito Santo para a santificação do mundo.<sup>140</sup>

“Tudo quanto fizerdes por palavras e obras, fazei tudo no nome do Senhor Jesus, dando, por meio dele, graças a Deus Pai”<sup>141</sup>. Com essa afirmação do apóstolo Paulo, ele apresenta a vida carismática do fiel leigo que se exprime por meio da sua inserção nas realidades temporais e na participação das atividades do mundo. No *Apostolicam actuositatem* mostra-se a necessidade de uma unidade de vida dos fiéis

<sup>135</sup> Cf. PELLITERO, Ramiro. *La teología del laicado en la obra de Yves Congar*. p. 233-237.

<sup>136</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Naturaleza, gracia e gloria*. p. 237.

<sup>137</sup> GeE 7.

<sup>138</sup> Cf. GeE 6-14.

<sup>139</sup> LG 41.

<sup>140</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Op. cit.* p. 238.

<sup>141</sup> CI 3,17.

leigos com as ocupações profanas, elas não podem ser alheias a vida espiritual<sup>142</sup>. Resultado disso é um olhar para a vida cotidiana como ocasião de união com Deus e cumprimento da sua vontade.<sup>143</sup>

### 3.2 A santificação do trabalho

Nesse tópico recapitulamos aquela máxima proposta pela pesquisa a santificação do mundo desde dentro. O trabalho é o principal meio do fiel leigo estar inserido na dinâmica da “Igreja em saída”, um tema proposto constantemente pelo Papa Francisco. Como se viu no decorrer do estudo, Deus Pai enviou, na plenitude dos tempos, seu Filho unigênito<sup>144</sup>. Nele nos tornamos filhos adotivos de Deus. Assumimos a mesma missão de Cristo, aquela de conduzir todas as coisas para Deus. Desta maneira, o cristão age com o intuito de direcionar a criação inteira, restaurando-a toda em Cristo<sup>145</sup>. Esse movimento é proposto a todo e cada homem na história, é a parte de todos na missão salvífica universal da Igreja.

O Senhor, criando o universo, ordenou às árvores que produzissem frutos, cada uma segundo a sua espécie; e ordenou do mesmo modo a todos os fiéis, que são as plantas vivas de sua Igreja, que fizessem dignos frutos de piedade, cada um segundo o seu estado e vocação. Diversas são as regras que devem seguir as pessoas da sociedade, os operários e os plebeus, a mulher casada, a solteira e a viúva. A prática da devoção tem que atender à nossa saúde, às nossas ocupações e deveres particulares. Na verdade, Filotéia, seria porventura louvável se um bispo fosse viver tão solitário como um cartuxo? se pessoas casadas pensassem tão pouco em ajuntar para si um pecúlio, como os capuchinhos? se um operário frequentasse tanto a igreja como um religioso o coro? se um religioso se entregasse tanto a obras de caridade como um bispo? Não seria ridícula uma tal devoção, extravagante e insuportável? Entretanto, é o que se nota muitas vezes, e o mundo, que não distingue nem quer distinguir a devoção verdadeira da imprudência daqueles que a praticam desse modo excêntrico, censura e vitupera a devoção, sem nenhuma razão justa e real. Não, Filotéia, a verdadeira devoção nada destrói; ao contrário, tudo aperfeiçoa. Por isso, caso uma devoção impeça os legítimos deveres da vocação, isso mesmo denota que não é uma devoção verdadeira.<sup>146</sup>

Para São Francisco de Sales, é um grande erro excluir dos ambientes da vida cotidiana a prática da devoção, ressaltando a realidade que muitos que estão em

<sup>142</sup> Cf. AA 4.

<sup>143</sup> Cf. CfL 17.

<sup>144</sup> Cf. Gl 4,5.

<sup>145</sup> Cf. Ef 1,5-10.

<sup>146</sup> SALES, São Francisco de. *Introdução a vida devota*. Petrópolis: Vozes, 1959. p. 28.

condição secular, podem ser santos.<sup>147</sup> Além do mais apreende-se que a santificação do trabalho é tarefa de todo o cristão, mas os fiéis leigos não só praticam uma atividade eles integram e configuram essas estruturas temporais da sociedade humana, santificando-as a partir do seu interior. O trabalho não pode ser visto somente como subsídio para o homem, todavia deve ser visto a partir do valor divino, seja em si mesmo, ou na ordem temporal que ocupa.<sup>148</sup>

Inclusive, o Compêndio da doutrina social da Igreja alerta o risco de tirar do trabalho a sua dignidade própria, considerando-o como uma mercadoria. O trabalho é expressão da pessoa e o economicismo e o materialismo tentam transformá-lo em mero instrumento de produção, desnaturalizando a essência desse dom precioso. Por isso, o trabalho deve ser concebido em sua relação com o trabalhador, pois a finalidade do trabalho é o homem.<sup>149</sup>

O Papa Pio XII já apresentava que os fiéis leigos têm uma tarefa importante: a de dar a este mundo da indústria forma e estrutura cristãs. Fazer com que Cristo, por quem tudo foi criado, o Mestre do mundo, também permaneça Mestre do mundo presente, porque também este mundo é chamado a ser um mundo cristão. Cabe aos cristãos inseridos no mundo dá-lo a marca de Nosso Senhor. Além do mais, sempre existiram aqueles filhos da Igreja que se santificaram tentando transformar o seu cotidiano em obra de Cristo, como o imperador Henrique II, Estêvão, o criador da Hungria católica, Luís IX da França, santa Pulchéria, santa Joana d'Arc, Gianna Beretta Molla ou Mary Ward<sup>150</sup>.

A dimensão sobrenatural do trabalho não é algo paralelo a sua dimensão humana natural, a santificação do trabalho não pressupõe adição de coisas alheias a ele, pois é o próprio trabalho do homem elevado a ordem da graça. De forma mais específica, não é fazer algo santo no trabalho, é fazer o trabalho santo. Acima se apresentou um elenco de algumas pessoas que se santificaram através do trabalho fica claro que é uma via de mão dupla: o trabalho santificado é santificador. Não é simplesmente cooperar na santificação dos demais enquanto trabalha, mas por mediação do próprio trabalho.<sup>151</sup>

<sup>147</sup> Cf. SALES, São Francisco de. **Introdução a vida devota**. p. 28.

<sup>148</sup> Cf. AA 7.

<sup>149</sup> Cf. CDS 270-275.

<sup>150</sup> Cf. Discurso Do Papa Pio XII Aos participantes do II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos (5 de outubro de 1957).

<sup>151</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Naturaleza, gracia e gloria*. P. 262-264.

O Santo do cotidiano compendia tal conceito:

Nós somos homens da rua, cristãos comuns, metidos na corrente circulatória da sociedade, e o Senhor nos quer santos, apostólicos, precisamente no meio do nosso trabalho profissional, quer dizer, santificando-nos nessa tarefa, santificando essa tarefa e ajudando os outros a santificar-se por meio dessa tarefa. Convençei-vos de que é Deus quem vos espera nesse ambiente, com solicitude de Pai, de Amigo; e pensai que através dos vossos afazeres profissionais, realizados com responsabilidade, além de vos sustentardes economicamente, prestais um serviço diretíssimo ao desenvolvimento da sociedade, aliviáis também as cargas dos outros e mantendes muitas obras assistenciais - em nível local e universal - em prol dos indivíduos e dos povos menos favorecidos.<sup>152</sup>

Os fiéis leigos têm uma missão entregue por sua vocação divina que é aquela de participar na missão da Igreja, tornando-se testemunhas de Cristo ante os homens, e levando todos a Deus. A vida ganha um novo sentido, um outro brilho, torna-se fecunda e profunda, porque se vê que o trabalho contém uma tarefa confiada por Deus, se apresenta como participação na obra criadora de Deus.<sup>153</sup>

O teólogo Fernando Ocáriz interpreta a relação do trabalho e a sobrenaturalidade colocada nele. O motivo sobrenatural do trabalho não pode ser interpretado como uma moral das intenções. Não é colocar anterioridade o *finis operantis*<sup>154</sup> como independente do *finis operis*<sup>155</sup>, trata-se do primado da finalidade concatenado às causas. A precedência recai sobre o motivo, sobre o porquê se realiza, como tal, influencia decisivamente na atividade eficiente e no resultado do trabalho. Com a compreensão de um motivo sobrenatural, tem-se a perfeição sobrenatural da obra realizada, isso é considerado dentro das possibilidades humanas. Tanto que um trabalho santificado pode ser humanamente defeituoso, mas *por acidente*, porque o que santifica o trabalho é seu motivo sobrenatural. Portanto, não podemos oferecer a Deus algo que, dentro da limitação humana, não seja perfeito<sup>156</sup>. Concluindo, o trabalho santificado não é só trabalho por Deus e para Deus, antes de tudo, é trabalho de Deus, porque é Deus quem santifica.<sup>157</sup>

<sup>152</sup> ESCRIVÁ, Josemaría. *Amigos de Deus*. 3ªed. São Paulo: Quadrante, 2014. n. 120.

<sup>153</sup> Cf. ESCRIVÁ, Josemaría. *É Cristo que passa*. 5ªed. São Paulo: Quadrante, 2018. n. 45.

<sup>154</sup> o fim daquele que obra.

<sup>155</sup> o fim da obra.

<sup>156</sup> Cf. ESCRIVÁ, Josemaría. *Op. cit.* n.48.

<sup>157</sup> Cf. OCÁRIZ, Fernando. *Naturaleza, gracia e gloria*. p. 267-269.

### 3.3 Ministérios, ofícios e funções dos fiéis leigos

O Concílio Vaticano II faz uma retomada da importância dos dons do Espírito Santo, os ministérios e carismas, que estão à disposição da edificação do Corpo de Cristo. Eles são extensão da missão de salvação do mundo.<sup>158</sup> Todos os batizados são dotados pelos dons do Espírito, sendo corresponsáveis e ativos na vida da Igreja. Esses ministérios presentes na Igreja são participação no próprio ministério de Cristo. Em consonância com o que diz Paulo:

Mas a cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo (...) A uns ele constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas, pastores, doutores, para o aperfeiçoamento dos cristãos, para o desempenho da tarefa que visa à construção do corpo de Cristo, até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo.<sup>159</sup>

Quando se fala de carismas na vida da Igreja, não se deseja opor um Igreja “da caridade” e uma Igreja “da instituição”, isto é, os carismas não estão para fazer frente as realidades institucionais. Ao dizer carismas, pretende-se explicar os carismas úteis a vida ordinária da comunidade. Os carismas têm uma origem divina e são acolhidos pelos apóstolos desde o princípio. É formidável advertir que os dons carismáticos não é dispensa da obediência à hierarquia ou confira direito ao ministério autônomo.<sup>160</sup>

A condição batismal de cada fiel é o alicerce para a contribuição na missão salvífica da Igreja, assim, de maneira própria, os fiéis participam do múnus sacerdotal, profético e real de Nosso Senhor. E os pastores são os responsáveis em discernir, reconhecer e promover os ofícios e funções dos fiéis leigos. Desta forma, os pastores podem confiar aos leigos certos ofícios e funções que não exigem o caráter do sacramento da ordem.<sup>161</sup> O Código de Direito Canônico diz:

Onde as necessidades da Igreja o aconselharem, por falta de ministros, os leigos, mesmo que não sejam leitores ou acólitos, podem suprir alguns ofícios, como os de exercer o ministério da palavra, presidir às orações litúrgicas, conferir o batismo e distribuir a sagrada Comunhão, segundo as prescrições do direito.<sup>162</sup>

---

<sup>158</sup> Cf. LG 4.

<sup>159</sup> Ef 4,7.11-13.

<sup>160</sup> Cf. LuE 7-8.

<sup>161</sup> Cf. CfL 23.

<sup>162</sup> CIC 230 §3.

Nutridos pela participação ativa na vida litúrgica, são impelidos a contribuir na transmissão da Palavra de Deus, de modo especial na catequese<sup>163</sup>. O ideal de catequista a ser conquistado tem em vista o olhar para Jesus, modelo de Mestre, de servidor e de catequista. Esse modelo é aquele digno de fidelidade. É importante desenvolver, então, as diversas dimensões: ser, saber, saber fazer.<sup>164</sup> São Francisco de Assis assim retorquiu a um de seus irmãos que desejava pregar: “Irmão, [quando visitamos os doentes, ajudamos as crianças e damos de comer aos pobres] já estamos pregando”.<sup>165</sup>

Aqui está contida a vocação e a tarefa do catequista. Em primeiro lugar, a catequese não é um “trabalho” nem uma tarefa externa à pessoa do catequista, mas “somos” catequistas. Vocação de serviço na Igreja, os dons que o Senhor nos dá por sua vez deve ser transmitido. O catequista tem o dever de retornar constantemente ao primeiro anúncio, aquele que transformou a sua vida. É o anúncio fundamental que deve ressoar de maneira contínua na vida do cristão. “Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio”.<sup>166</sup>

Este anúncio acompanha a fé, que já está presente na religiosidade do povo. Portanto, se faz necessário assumir o potencial de piedade e de amor encerrado na religiosidade popular, a fim de que não se transmitam apenas os conteúdos da fé, mas uma verdadeira escola de formação na qual seja cultivado o dom da fé recebida, de tal maneira que os gestos e as palavras reflitam a graça de sermos todos discípulos de Jesus. O catequista caminha rumo a Cristo, e com Cristo, não é uma pessoa que parte das suas ideias e gostos pessoais, mas deixa-se fitar por Ele, por aquele olhar que faz arder o coração.<sup>167</sup>

A paróquia é o exemplo do apostolado comunitário, incorporando todos os ministérios carismas e diferenças humanas na vida eclesial. A *Apostolicam actuositatem* chama os fiéis leigos a habituarem-se ao serviço paroquial unindo-se aos sacerdotes, apoiando às iniciativas apostólicas e missionárias.<sup>168</sup> É de suma

---

<sup>163</sup> Cf. AA 10.

<sup>164</sup> Cf. DGC 238ss.

<sup>165</sup> PAPA FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco aos Participantes do Simpósio Internacional sobre a Catequese*. Buenos Aires, 11-14 De Julho De 2017. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20170705\\_messaggio-simposiocatechesi-argentina.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170705_messaggio-simposiocatechesi-argentina.html).

<sup>166</sup> EG 165.

<sup>167</sup> Cf. PAPA FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco aos Participantes do Simpósio Internacional sobre a Catequese*.

<sup>168</sup> Cf. AA 10.

importância a sua presença nos conselhos paroquiais, um ambiente de comunhão eclesial, dando um impulso missionário na vida paroquial. Por isso os documentos ressaltam que é necessária as várias formas de apostolado nos movimentos e associações pastorais.<sup>169</sup>

---

<sup>169</sup> Cf. CfL 27-31.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Concílio entende o leigo no que lhe é próprio – *indoles saecularis*. Sublinha a dedicação aos assuntos seculares próprios dos leigos. “É, porém, específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus.”<sup>170</sup> O termo *proprium* está só no texto que se aplica aos leigos para qualificar sua índole secular e sua vocação. Não se trata de uma existência dedicada a um aspecto do mundo, mas uma existência entrelaçada por aspectos e características dele. De tantas abstrações e teorias, ficam questões em aberto sobre a dimensão do leigo na vida eclesial.

Em Gálatas<sup>171</sup>, vemos que depois do pecado de Adão, Deus Pai decide enviar seu Filho Unigênito ao mundo, para a redenção do homem, sua adoção filial. Deus nos constitui membros de sua família. Sempre que se diz dessa adoção, avulta-se o caráter de dom gratuito, que se edifica sobre a nossa debilidade. Deus em sua bondade criou o ser humano livre para o inserir em sua vida bem-aventurada, convida a todos, mesmo dispersos pelo pecado, a viverem unidos a sua família. Tal feito, Deus realiza por seu Filho, n’Ele e por Ele, os homens se tornam filhos adotivos de Deus e herdeiros da beatitude.

A condição de filhos adotivos versa sobre a condição sacramental do crente, doutrina tradicional da Igreja, o batismo regenera, constitui filhos, une a Cristo e ao seu Corpo que é a Igreja. Produz a inserção mística e real ao seu corpo crucificado e glorioso, Jesus une o batizado com sua morte para fazê-lo também na ressurreição. A vida do crente se torna a vida de Cristo, isto é, o chamado a tornar-se não só *alter Christus*, mas *ipse Christus*, Cristo é o Filho Unigênito do Pai, nós somos filhos de Deus na medida que somos o mesmo Cristo.<sup>172</sup>

Cristo em sua paixão, morte e ressurreição entrou na glória de seu Reino. Também comunicou o Reino aos seus discípulos, com o anseio de situar a liberdade regida e uma vida santa entre eles, para vencerem em si mesmos o reino do pecado. Inspirando neles a ambição do serviço a todos, onde o servir é reinar. Os fiéis leigos são peça chave na dilatação do Reino de Deus, “reino de verdade e vida, reino de

---

<sup>170</sup> LG 31.

<sup>171</sup> Cf. Gl, 4, 5.

<sup>172</sup> Cf. RIO, Pilar. *Los fideles laicos, Iglesia em la entraña del mundo*. Madrid: Palabra, 2015. p. 345-348.

santidade e graça, reino de justiça, amor e paz.”<sup>173</sup> Por meio de sua vivência secular, os fiéis leigos tem a oportunidade de ajudarem-se a atingir uma vida mais santa e imbuir no mundo o espírito de Cristo.

A Igreja realiza a sua missão em todas as situações históricas. Vê-se diante de todas as realidades do mundo no decorrer da história do mundo. Contudo, seu lugar no mundo tem um caráter especial. A missão da Igreja não procura uma ordenação das coisas terrenas, mas sim uma formação dos corações humanos para libertá-los da soberba humana e levá-los à vida cristã. Desta forma, o homem se vê atraído por Deus e O escuta. A atividade do cristão, então, não cai numa cegueira, mas é uma ação orientada pela verdade e pelo próprio Amor, dispondo do sinal da palavra, do testemunho, dos sacramentos e da vida. Essa palavra vivida e falada é possuída pelo cristão graças a unção do Espírito Santo, procede disso uma conspiração dos fiéis pelo crescimento em direção a plenitude da verdade. O Concílio pôs um grande relevo à obra do Espírito Santo que santifica o povo de Deus, que o guia, adorna-o e enriquece-o. Essa realidade carismática caracteriza o fiel, que é edificado por dons dados pelo Espírito.

A finalidade da Igreja já determina sua missão, levar a redenção a todos. Essa definição pode ser ainda resumida na transmissão do Evangelho, que tem em si o sentido desejado por Paulo, “força de Deus para a salvação de todo aquele que crê”<sup>174</sup>. Tendo em vista tal ponderação, temos de olhar através daquela rija definição que considerava o leigo somente como o fiel que não é clérigo, significado que tira do foco a corresponsabilidade de todos os cristãos na missão da Igreja, e perceber que cumulados dos dons carismáticos e habilitados pelos sacramentos da iniciação cristã, os fiéis leigos estão inseridos na missão da Igreja e têm a responsabilidade de realizá-la em suas funções próprias na Igreja e nas realidades terrenas.

A dimensão sobrenatural do trabalho não é algo paralelo a sua dimensão humana natural, a santificação do trabalho não pressupõe adição de coisas alheias a ele, mas é o próprio trabalho do homem elevado a ordem da graça, de forma mais específica, não é fazer algo santo no trabalho, é fazer o trabalho santo. Não é simplesmente cooperar na santificação dos demais enquanto trabalha, entretanto, por mediação do próprio trabalho.

---

<sup>173</sup> LG 36.

<sup>174</sup> Rm 1,16.

Quando se fala de carismas na vida da Igreja, não se deseja opor um Igreja “da caridade” e uma Igreja “da instituição”, isto é, os carismas não estão para fazer frente as realidades institucionais. Ao dizer carismas, pretende-se explicar os carismas úteis a vida ordinária da comunidade, os carismas têm uma origem divina e são acolhidos pelos apóstolos desde o princípio, é formidável advertir que os dons carismáticos não é dispensa da obediência à hierarquia ou confira direito ao ministério autônomo. A condição batismal de cada fiel é o alicerce para a contribuição na missão salvífica da Igreja, assim, de maneira própria, os fiéis participam do múnus sacerdotal, profético e real de Nosso Senhor. E os pastores são os responsáveis em discernir, reconhecer e promover os ofícios e funções dos fiéis leigos.

De modo geral, com esse trabalho observamos que a vida do fiel leigo para a missão da Igreja é de suma importância e se faz necessário para a expansão da evangelização. O fiel leigo é o principal evangelizador, aquele que evangeliza de dentro do mundo, em um movimento centrífugo. A nossa pesquisa tentou basear-se em autores de diversas épocas da civilização cristã, compreendendo teólogos dos primeiros séculos e alguns ainda vivos e muito presentes no desenvolvimento atual da teologia. Como o tipo de trabalho aqui elaborado não lhe é própria uma grande extensão, buscamos apresentar os temas da forma mais concisa possível. Por esse motivo, ainda ressaltamos que é possível trabalhar muito sobre o tema, de modo especial fica em aberto o tema da santificação no trabalho, que é a dimensão que compreende toda a complexidade da inserção do cristão no mundo e sua possibilidade de evangelizar em todos os cantos da terra.

## REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: à luz do magistério eclesial desde o Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2019.
- APOLOGISTAS, PADRES. *Carta a Diogneto*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BARAÚNA, Frei Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.
- BALTHASAR, Hans Urs von. *Verbum Caro*. Madrid: Encuentro, 2001.
- BENTO XVI. *Verbum Domini: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- CALABRESE; GOYRET; PIAZZA (eds.). *Diccionario de Ecclesiology*. Madrid: BAC, 2016.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 2010.
- CLEMENTE. *Primeira Carta Aos Coríntios*. In. *Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 2017.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Apostolicam Actuositatem: Decreto sobre o apostolado dos leigos*. In. *Compêndio do Vaticano II*. 29ªed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Concílio Vaticano II: Vol. III. Segunda Sessão (SET.- DEZ. 1963). A hierarquia. Os Leigos*. Petrópolis: Vozes, 1965.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja*. In. *Compêndio do Vaticano II*. 29ªed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONGAR, Yves. *Os Leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Ed Herder, 1966

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Communio notio: Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como Comunhão*. Roma: Editora vaticana, 1992. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cf\\_aith\\_doc\\_28051992\\_communionis-notio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cf_aith_doc_28051992_communionis-notio_po.html)

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Iuvenescit Ecclesia: Carta sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directório Geral da Catequese*. Roma: Editora vaticana, 1997. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_c\\_catheduc\\_doc\\_17041998\\_directory-for-catechesis\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_c_catheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html)

COSTA, Françoá. *A Igreja de Jesus Cristo: Ecclesiologia hoje*. São Paulo: Cultor de Livros, 2020.

ESCRIVÁ, Josemaría, *Amigos de Deus*. 3ªed. São Paulo: Quadrante, 2014.

ESCRIVÁ, Josemaría, *É Cristo que passa*. 5ªed. São Paulo: Quadrante, 2018

FRIES; LÖHRERE; STUDER; STENZEL; RAHNER; LEHMANN; VON BALTHASAR. *Mysterium Salutis: Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica Volume I / 3*. 2ªEd. Petrópolis: Vozes, 1978.

FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987.

FORNÉS, Juan. *Notas sobre El «Duo Sunt Genera Christianorum» del Decreto de Graciano*. In. IUS CANONICUM, XXX, n. 60,1990,607-632. Pamplona: Universidad de Navarra, 1990

GOYRET, Philip. *Il decreto Apostolicam actuositatem. Le grandi novità dell'insegnamento conciliare sui laici*. Roma, 2015. Disponível em: <http://www.laici.va/content/dam/laici/documenti/50aa/50%20anni%20AA%20Goyret%20.pdf>

KELLER, Max. *Teologia do Laicato*. In. Fundamentos de dogmática Histórico-Salvífica: A Igreja. Coleção *Mysterium Salutis*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

LLORCA, Bernardino. *Historia de la Iglesia Católica: Edad Antigua, La Iglesia em el mundo grecorromano*. 7ªed. Madid: BAC, 2009.

MORALES, José. *Introducción a la Teología*. 4ª Ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2012.

OCÁRIZ, Fernando. *Naturaleza, gracia e gloria*. 2ªEd. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2001.

OLIVIER, Rousseau, OSB. *A Constituição no Quadro dos Movimentos Renovadores de Teologia e de Pastoral das Últimas Décadas*. In. BARAÚNA, Frei Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.

PELLITERO, RAMIRO. *La Contribución de Yves Congar a la Reflexión Teológica Sobre El Laicado*. *ScrTh* 36 (2004/2). Pamplona: Universidad de Navarra, 2004.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PAPA FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco aos Participantes do Simpósio Internacional sobre a Catequese*. Buenos Aires, 11-14 De Julho De 2017. Disponível

em:[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20170705\\_messaggio-simposiocatechesi-argentina.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170705_messaggio-simposiocatechesi-argentina.html)

PAPA JOÃO PAULO II. *Ai cardinali, alla curia e alla prelatura romana per la presentazione degli auguri natalizi*. 20 dezembro 1990. In.

[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1990/december/documents/hf-jp-ii\\_spe\\_19901220\\_curia.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1990/december/documents/hf-jp-ii_spe_19901220_curia.html)

PAPA JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

PAPA JOÃO PAULO II. *Veritatis Splendor: carta encíclica sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja*. 10ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAPA PIO XII. *Discurso do Papa Pio XII aos participantes do II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos* (5 de outubro de 1957).

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011.

RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã - volume 1: Discursos e Homilias (1986-1999)*. Campinas: Ecclesiae, 2014.

RIO, Pilar. *Los fieles laicos: Iglesia en la entraña del mundo*. Madrid: Palabra, 2015.

SALES, São Francisco de. *Introdução a vida devota*. Petrópolis: Vozes, 1959.

SÃO CIPRIANO. *A Unidade da Igreja Católica*. Editora Vozes: Petrópolis, 1973.

SCHMAUS, Michael. *A essência do cristianismo*. Lisboa: Aster, 1966.

SMEDT, Emile Joseph De. *O Sacerdócio dos Fiéis*. In. BARAÚNA, Frei Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.

VALLS, Carmen Aparicio; PIÉ-NINOT, Salvador (orgs.). *Commento alla Verbum Domini*. Gregorian e Biblical Press: Roma, 2011.